

ALTERNATIVAS ONGS E GOVERNOS COMEÇAM A FIRMAR PARCERIAS PARA AUMENTAR A COBERTURA VERDE

# Investir em mata é garantir que a água não faltará nas torneiras

Vazão do Rio Doce já chega a ser a metade do seu volume médio histórico

ELISANGELA BELLO  
ebello@redegazeta.com.br

A ligação entre água e floresta nunca esteve tão em evidência no Estado. Várias experiências para conseguir recuperar áreas de preservação têm sido iniciadas com produtores rurais, e, não é para menos: à medida que essa cobertura verde vai se tornando escassa (o que restou da mata atlântica gira em torno de 8% da cobertura original), o solo vai ficando desprotegido, e o volume de água de rios, córregos, nascentes tende a se tornar cada vez menor.

Para convencer quem está próximo a esses cursos de água de que é preciso plantar árvores para garantir a manutenção do recurso, empresas, ongs e governos têm firmado parcerias ainda pontuais, oferecendo orientação técnica, insumos e mudas.

“Essas experiências são catalizadoras, educativas e até científicas, porque servem de ajustamento para investimentos maiores”, afirmou o gerente de Recursos Hídricos do Instituto Estadual de Recursos Hídricos e Meio Ambiente



**DEGRADAÇÃO.** O Córrego Bananal, em Baixo Guandu, hoje completamente assoreado, será beneficiado pelo plantio de mudas, um exemplo das ações de recuperação em andamento. FOTO: GILDO LOYOLA

(Iema), Fábio Ahnert.

**INCENTIVO.** Motivos para começar a plantar já não faltam. “Existe uma tendência de queda no volume de água. Um exemplo é o Rio Doce. As vazões médias dele atingem 990 mil metros cúbicos por segundo. Mas medições recentes mostram que em

95% do tempo a vazão permanente é da ordem de 400 mil metros cúbicos por segundo,” explicou.

Nas bacias dos rios Santa Maria da Vitória e Jucu, a situação também preocupa. Apesar de os quatro municípios que compõem a bacia terem um índice de cobertura florestal bem acima da média do Estado e do país (em tor-

no de 40%), segundo a coordenação do projeto Florestas para a Vida, essas áreas verdes estão fragmentadas.

Além disso, a qualidade da água também tem caído, segundo informações da Cesan, que teve que gastar bem mais nos últimos anos para tratar o recurso que abastece hoje 50% da população capixaba.



## Em Aimorés, o verde ressurgiu em fazenda

Quem viu a Fazenda Bulcão, no município mineiro de Aimorés, onde hoje fica a sede do Instituto Terra, na época da sua criação, em 1999, por mais

próprios técnicos do Instituto. “A capacidade de retorno das nascentes foi surpreendente. Elas se tornaram perenes, e os córregos que nascem na fa-

## Defensor do verde



CONSCIÊNCIA. Filho de pecuarista, Daniel Ferreira de Assis, funcionário do Instituto Terra, se descobriu um defensor da conservação e recuperação de áreas verdes. No viveiro, ele cuida das mudas que serão doadas para os produtores rurais, ou usadas nos projetos de recuperação de topos de mor-

ros e nascentes. Ele diz que administra bem a convivência com o pai, que lida numa área tão diferente e ao mesmo tempo tão próxima da dele. "Há algum conflito, mas ele tem a cabeça aberta. Já vê que antes tinha mais nascentes. O produtor tem que ter outra visão, tem que pensar também na terra".

## Produtor recupera 17 hectares em Jaguaré

Foi no meio de um período de muita seca, há cerca de 7 anos, que o produtor rural José Lino Bizi resolveu devolver a vida a uma área já bem degradada de pastagem dentro de sua propriedade. Ninguém esperava, no entanto, que ele fosse fazer uma mini-revolução, e dar exemplo para pequenos e grandes produtores. Hoje, a fazenda da Família Bizi, a 6 km de Jaguaré, norte do Estado, virou referência, com seus 17 hectares reflorestados.

"Meu pai tinha um gado leiteiro, mas o pasto foi ficando seco e ele viu que o gado não iria agüentar. Resolveu retirar dali, da margem do rio. No final, pensou 'o que vou fazer com essa área?' E resolveu reflorestar", conta a filha de José Lino, que faleceu há três anos,

Evandra Bizi, que vive na fazenda com a mãe.

Como a seca ainda durou um certo tempo, segundo Evandra, o pai regava as mudas que havia plantado. Depois, teve a ajuda da Companhia Vale do Rio Doce, através da equipe da Reserva Natural de Linhares.

"No total, ele comprou e plantou as 25 mil primeiras mudas. A Vale ajudou com as últimas 10 mil, e com a orientação técnica, ensinando a podar e a capinar, para não deixar o capim sair", conta.

Hoje, a mata replantada pelo pai de Evandra recebe a visita até de turmas de estudantes. No último levantamento feito no local, foram encontradas 150 novas espécies de pássaros. "Os sagüi-da-cara-branca não saem lá de casa", comemora.

## Fio de água mais forte



APOSTA. Foi aos pés da Pedra do Nariz, em Ibituba, Baixo Guandu, que a pecuarista e professora Silvia Helena Pezente de Abreu resolveu apostar na sustentabilidade e na proteção das fontes de água que a natureza ofereceu. Ela é uma das parceiras do Consórcio da Bacia Hidrográfica do Rio Guan-

du e vai plantar no entorno de uma das nascentes 3 mil mudas de espécies da mata atlântica. Ela espera que o volume da água aumente e que possa ser mais uma forma de abastecimento na propriedade. Depois de plantadas algumas bananeiras, ela afirma que o fio de água já cresceu. FOTOS: GILDO LOYOLA

## Compensação para quem preserva

Para restaurar as áreas verdes degradadas e garantir a manutenção das que ainda estão de pé na bacia dos rios Santa Maria da Vitória e Jucu, o projeto Florestas para a Vida, do governo do Estado, quer oferecer aos produtores rurais dessas áreas selecionadas formas de compensação financeira por estarem protegendo uma área produtora de água.

"O projeto prevê a existência de pagamento por serviços ambientais (PSA). Quem trabalha com agricultura tradicional, em geral agressiva com o meio ambiente, vai ser chamado a mudar de prática, mas para isso, pode ficar um período sem produzir nada. Por isso

tem que haver alguma forma de compensação. Quem presta um serviço ambiental vai receber por isso", explicou o coordenador do projeto, Marcos Sossai.

A verba para isso, porém, (U\$ 4 milhões), aguarda ainda a aprovação do Fundo Global para o Meio Ambiente (GEF), que vai definir se aprova ou não o financiamento no fim do ano. Em contrapartida, parte do projeto será financiado pelo governo em parceria com o setor privado e com ongs. "Hoje, o Iema já está selecionando áreas que serão recuperadas. Estamos estimando um total de 1.000 hectares que áreas-piloto. A idéia é que isso vire referência", afirmou.

sua criação, em 1999, por mais otimista que fosse, não imaginaria que naqueles 709 hectares ressurgiria tanto verde.

Hoje, com mais de 47% da área que foi transformada em Reserva Particular de Patrimônio Natural (RPPN) já recuperada, o que era um sonho do fotógrafo Sebastião Salgado e da arquiteta Lélia Deluiz Salgado virou referência para quem quer seguir o mesmo caminho.

Além do verde que se espalhou pela fazenda e dos animais que voltaram a aparecer, um fator surpreendeu até os

córregos que nascem na fazenda (Bulcão e Constância) aumentaram de volume", conta o gerente ambiental do Instituto, Jaeder Lopes Vieira.

Em 2008, o Instituto espera atingir 1 milhão de mudas produzidas, sendo que mais de 800 mil serão usadas em projetos de recuperação de mata ciliar ou áreas de preservação permanente. Entre eles está o projeto de recuperação da bacia do Rio Guandu, no norte do Estado, que acontece em parceria com o Consórcio Rio Guandu, com o governo federal e com a Cesan.

### E A TERRA SE RECUPERA

■ **Espécies vegetais.** Em 2001, foram encontradas na área do Instituto Terra 142 espécies de vegetais. Em 2005, esse número atingiu 293

■ **Aves.** Também em 2001, 156 espécies de aves foram classificadas no local. Dois anos depois, o número era de 162 espécies

■ **Mamíferos.** Em 2001, 21 espécies de mamíferos foram encontrados. Em 2003, o número subiu para

25, e em 2006 para 30

■ **Indicadores.** Além do aumento da biodiversidade, para medir o nível de recuperação da fazenda também são usados como indicadores biológicos o volume de água das nascentes, o crescimento da cobertura vegetal (número de árvores plantadas), a qualidade do solo e o aumento das espécies de insetos galhadores (naturais de mata) e formigas  
Fonte: Instituto Terra

## Pioneiros incentivam outros a mudar

Iniciativas como a da família Bizzi, de Jaguaré, do Consórcio Rio Guandu e de outros parceiros podem parecer um trabalho de formiga diante do que já foi devastado, mas quem é experiente na área de recuperação de florestas diz que o efeito "bola de neve" pode acontecer.

"À medida que as experiências forem acontecendo, as pessoas vão ver que é fácil fazer", aposta o engenheiro florestal e responsável pela Reserva Natural da Vale do Rio Doce, em Linhares, Re-

nato Moraes de Jesus.

Ele explica ainda que, com a tecnologia acumulada em produção de mudas de espécies da mata atlântica, a CVRD tem sido parceira em diversos projetos. "Firmamos uma parceria com o governo do Estado, de R\$ 8 milhões, para a recuperação de áreas de preservação permanente".

Um outro projeto, em fase de estudo, prevê o plantio de 50 milhões de mudas. A adesão seria espontânea, por parte do produtor, que receberia mudas e orientação técnica.